

POEMA DE MIL FACES

**Um livro para ler
e compartilhar**



APRESENTAÇÃO

Esta antologia de poemas se originou de uma conversa entre amigos no, como diria o Rosa, “famigerado” Facebook.

A ideia que moveu os poetas aqui presentes foi a de produzir um livro que pudesse ser distribuído gratuitamente para o maior número possível de pessoas (daí o formato PDF) e que pudesse também, de alguma forma, estimular a leitura de poesia.

Então, chega de conversa e vamos à leitura dos poemas que é o que realmente interessa num livro de poesia.

Esperamos que todos curtam os textos e que compartilhem o livro com seus amigos, familiares, parentes, vizinhos etc.

Vida longa à poesia!

Os Poetas

O QUE RESTA DOS POETAS

dois sonetos, diz o profeta,
a cada um em seu esqueleto
lado a lado, as costelas
é o que sobra após a moela
daquele cardume de poetas

Ademir Demarchi, 1960, Maringá-PR.

DA MISERICÓRDIA

*non altrimenti fan di state i cani
or col ceffo or col piè, quando son morsi
o da pulci o da mosche o da rafani.
(Inferno, Canto XVII)*

Tudo é estopim,
gota de veneno que estraga vários litros d'água
e a surdez do concreto –
um grito
rasga as cordas
vocais.

Mas o céu é um grande ouvido,
cerúleo muro das lamentações,

já na sala
o cachorro, lenta e
empenhadamente,
coça o cu no tapete.

Adriano Scandolara, 1988, Curitiba-PR.

O JOGO DAS MIL E UMA IMPERFEIÇÕES

o jogo começa sem regras.
um feixe de luz ruga adentro trespassa a pele de um segundo.
um silêncio depois, o silêncio árido. o interstício.
um não-lugar um não sei onde. onde nada ou quase nada desacontece.

o tempo sinuoso tem o passo lento dos camelos.
não faz evocações a deus algum.
ainda que o criador seja designado em árabe
por quatrocentos e noventa e nove nomes diferentes,
não faz diferença. ninguém é ouvido nunca.

amigo dos corvos o espaço é um ser imberbe.
um passeio no deserto nunca é um passeio no deserto.
a sede não cessa com a morte. nem a morte com a salvação.
Bérberes, Beduínos, Tuaregues, bem o sabem, pois as
tempestades de areia não apagam o que com areia se escreve.

mil e uma noites de repouso numa tenda sob o céu à beira do Tigre,
quarenta banhos batismais à luz do dia nas águas do Jordão,
não recompõe o descrente fatigado. um espelho que não reflete não é um espelho.
quando ninguém sabe dizer com quantos corpos se faz um cementério,
o mundo vertical vem a baixo. sangra em transe a noite possível.

alguém com pouco passado não tem o que dizer.
um poeta demora. ao contrário do profeta sabe a verdade provisória.
nasce sem saber. morre sem saber. e como quem nada sabe
esconde-se atrás das palavras. não para que encontrem-no, mas às palavras.

tamareiras ensombram o caminho a Bagdá.
o vento milenar sopra sobre a cidade três vezes santa.
dois meninos, órfãos, de etnias distintas,
dois olhos de um mesmo rosto sob o sol
estudam álgebra entre formigas e abelhas.

um sonho encravado na carne é o mundo.

NÁUFRAGOS

Náufrago em si mesmo, o homem
lança mensagens em garrafas.

Mas o mar só devolve o silêncio
à solidão de seu corpo.

Sem um porto onde se salvar
toma de outra garrafa
e nela constrói um navio.

Só lhe falta, agora, o destino.

Alexandre Marino, 1956, Passos-MG, vive em Brasília.

O GRANDE PLUGUE

À nossa geração nunca nos foi permitido ver o mar pela primeira vez.
Ele sempre esteve adentro, reluzente, o grande igual que nós mesmos

Rogamos tanto às noites que se faça novamente o escuro
mas quando as preces são atendidas
é só uma ilusão dos trouxas, uma ardentia nos olhos e
o mar esbraveja aqui dentro, monstro comedor de rocha

Já nascemos umas baleias mórbidas
pobres diabas afogadas neste papel de luz
E é tão mesquinho de pequeno o desejo

A gente só queria ver o maldito mar
por favor,
pela primeira vez.

Ana Rüsche, 1979, São Paulo-SP.

MELOPEIA DE PROPAROXÍTONAS

Fui consultar um oráculo
Sobre os tantos desafios
E os muitos obstáculos
Ele respondeu desatinos
Sem esperança... tirei os óculos
E tentei decifrar as respostas
E seus múltiplos tentáculos
Vislumbrei uma escultura
Que... se movia!!! Um espetáculo!!!
Espantada... esconjurei o delírio
Senti um arrepio... agora era um vampiro!!!
Mas que falta faz um báculo!!!
Podia acertar o Drácula...
E também as górgones... ou seriam gárgulas?!
O que havia naquelas cápsulas?!?
Porque eu penso em epitáfios...?!?
Devia pensar em prefácios e posfácios ou Epitácios?!
O que houve com a minha espátula?!
Porque nada é tão fácil?!?
Do mármore surge uma estátua?!?
Mas como? Se... se move?!
Tem espada e larga espádua
Mas que parábola impertinente!
E agora o escuro vai ficando claro...
Não há mais vampiros... só suspiros...
Que alívio... foi uma febre intermitente...
Já se ilumina, sem mácula, a claraboia...
Encerrando a minha fábula de repente...

NUVENS ENSANGUENTAM O CÉU

Nuvens escarlates
arregaçam a tarde
cai o céu vermelho
despencando vida alinhada
a pintura surrealista
o sangue pulsa
reflexo de asas congelam
a retina

Nuvens ensanguentadas
o voo transcende

horizonte

Cássio Amaral, 1973, Araxá-MG, mora em Barra Velha-SC.

PARCERIA

poesia & boemia
se dão muito bem

começam trocando as letras
e acabam trocando as pernas

Clauky Boom, 1971, Rio de Janeiro-RJ.

VERNACULÁCEO

Linguajar, ruja para quem te resista,
pela boca que verseja com voz alquimista a gíria supimpa;
há já sua língua limpa ou suja, ou seja,
uma linguagem que exprima tudo isso que ardente freme,
e que a gente imprima o que blasfeme.

Aja o som em cada pranto, haja o rito...
aja o dom em cada santo, haja o mito...
e o espanto, portanto;
haja o dito... aja o bom em cada quanto,
haja o grito... aja o tom em cada canto.

E, com o pendão da má palavra, liberdade,
em branco e negro ou poesia tatuados em cada cor: ação,
silenciosa mente arauta da novidade verbal;
aliás sílaba, fonema fenomenal da mensagem para vocês,
ou eu, mau selvagem, em bom português.

ZINCO

O raio desceu o braço
mas não disse nada.
As nuvens se aglomeravam
na entrada do teatro.

Sob o zinco, a esposa
esperava uma resposta.
Mas o céu era implacável
com trovões monossilábicos.

Nem uma gota de água
mereceu cair nas telhas.
Apesar do calor, o homem
não quis voltar para casa.

Davino Ribeiro de Sena, 1957, Recife-PE.

ESTRADA VELHA

carrinho de
rolimã tira
lasca da ladeira
uma dança em
zigueague quase
queda à beira do
meio-fio cáries do
ar constelações de
estilhaços caminho
da boca do mar

Diniz Gonçalves Júnior, 1971, São Paulo-SP.

aviso de antemão| jamais finalizado| não anoto receitas| engulo a contramão| o sal é escasso| o adubo é insosso| mas voltando de um sarau no centro cultural| deixei meu anjo de cabelo preso e asassoltas| no ponto de ônibus| em seguida| andei até o metrô brigadeiro| distingui duas poetas andando pela calçada da avenida paulista| propositalmente unânimes| propositalmente irregulares| propositalmente humanas| desviavam de skatistas| e de helicópteros| ai delas se andassem menstruadas| ai delas se andassem entre parênteses| como parasitas| no sobretudo|

Diogo Mizael, 1982, São Paulo-SP.

EDUCAR OS OUVIDOS

"para uma Mariana Zenaro indignada"

há de se educar os ouvidos para o belo
para que não se olvide de si mesmo
o humano
pois as pedras
que se assentam a catedral
devem ter fé
para que para sempre
sejam lembrados
os laços e os braços
que se tornaram anjos

há de se quebrar os paradigmas
para que o belo
possa morar em nossos ouvidos
pois só aquele capaz de chorar
diante de sua obra
poderá rezar pela sua mão

pois são as pedras
de uma catedral que rui
que formam o som mais puro
há de se derrubar os olhos
para que som penetre
tal qual harpa
na carne
e as harpias graves do azul
hão de se retornar
ao princípio do humano

aí haverá de ouvir os anjos
onde se assentam os demônios

Edson Bueno de Camargo, 1962, Santo André-SP.

Aceno

Como
um equipamento
que

funciona, mas
apresenta

defeito,

em
algum momento

escolhi como gesto

algo entre
a dúvida
e o excesso.

/ se me dou meio abraço,

(pois é isso o que faço:
passo meu braço direito
pelo meu peito

e toco meu ombro
esquerdo.)

o meu reflexo,
quando me toco,
é me chamo

é olhar para o outro lado. /

E se me ignoro, quando me chamo,

(quando toco meu ombro)

como a um aparelho
para que
pegue

no tranco,

eu me soco

para que aceite

o meu afago.

Não funciona.

Dar de ombros é
o meu aceno.

Eduardo Lacerda, 1982, São Paulo-SP.

gostam de falar desta cidade
do falo desta cidade
de seus buracos e catástrofes

gosto de penetra-la
noite a dentro e lá bem fundo
me perdendo

descobrir o que era antes
uma incerteza do que
agora me transcende

o gosto ácido em chuva
de tempestades
eletromagnéticas

adoçando a boca dos descontentes
slogans mil a cada esquina
o sabor do asfalto

gosto de nuvens de
numeros mar de
automóveis falacias

desgastadas delicias
poluidas tardes quentes
rios de dejetos e déjà vus

diluvio de sensações
inacabadas rodando
a cada esquina espreita

esta fala que se agoniza
no que falo e no que
falta agora esquiva

esta cidade que cito
de passagem e no cio
recito e pare este poema...

Elson Fróes, 1963, São Paulo-SP.

SINTO UMA PEDRA

(Traducción María José Limeira)

Que me parte o peito
e desgarram-se nostalgias, mananciais...
lembro-me de uma noite
(sem estrelas)
poeira de não sei quantas carícias
que agora vagam como pássaro em ramos
de uma ressequida maçã.
Sinto o fio de um assobio
de trens; que vem e vai, como chuva de luzes
nas ruas vazias e decompõe o outono em pequenos edens
com as folhas ritualistas soluçando sob o orvalho.
E meu corpo se perde num grão de areia
desenhado sobre a âncora de uma barca sombria...
e na sombra se perde como os caracóis
em um quarto-minguante, como espelho de ontens
que romperam a ausência, a angústia, a espera.
Sinto o voo silente de uma sombra
no alvorecer.
E meu peito se partee partem-se os álamos do fatigado caminho
e parte-se a lua em pedaços de aurora e parte-se a rocha em meu peito nostálgico
e uma voz faz-se vento que conduz meu barco.

Everardo Antonio Torres González, 1956, Ciudad de Durango, Dgo., México.

AO ÉBRIO

Escorrendo nos gargalos
Queimando nas guimbas
Mais uma fábula de bêbados
Inicia-se

Mil vozes gritam
Ébrias e sucintas
Entre copo e outro que se vai
Uma canção que finda!

Ao fim dos cigarros
Dos amores
Desenlaces e dissabores

Que sejam bons os vossos dias
E gentil a ressaca vindoura
Que porventura os visitaria!

Fernanda Botta, 1986, São Paulo-SP.

O PÚBLICO E O PRIVADO

violentou a própria filha
em público
...tão cuidadoso...

disparou e-mails pelo mundo

desnudou suas mazelas
ao público
forneceu nome completo
rg e endereço

expôs suas entranhas
a todo estranho

publicou sua vida
privada
(verso pronta piada)

falsificou cartas
adulterou documentos

descreveu-se
desescreveu-se
despediu o que pediu

e ironia das ironias
acusou um poema
a poesia
que há muito lhe deixou

Frederico Barbosa, 1961, Recife /São Paulo.

POEMA-IDENTIDADE

meus esc
ritos
são intrín
secos

Ian Lucena, 1994, Cascavel-PR.

TTT

e todos a terra o trecho
vermelho
se faz nos teus olhos
ventura

José Aloise Bahia, 1961, Belo Horizonte-MG.

o cão e o monge à beira-mar
[tema para o vazio dos céus em Francisco Goya e Caspar David Friedrich]

quando o céu e
a terra
se encontram
o hábito negro
do monge
desaparece
e sem alarde
a imensidão
do céu
forra-se jade

o cão
sonha a cidade
o ouro que
invade
entardece
sombra na
luz cega o
deserto insondável

a alma do cão
o corpo do monge
a água e o pão
sob o sol
alimento e grão
e no mistério
orar
à alma do irmão

vagar
com as vestes
gorjear o
corpo
ser pássaro
noturno
deitar a
alma no verso

cobrir-se de
céu
do sim e do não
ser véu
ser a dor
no abraço ao chão
amar o deserto
amar
ao longe que
além do
vazio há o monge
e o cão

SORRIA: VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO

aqui o sistema é fácil
não precisa de polícia
pois já tem vizinhos
pois já tem você mesmo
manejando a câmera
enquanto sorri
não precisa de deus
nem de chips
instalados na sua cabeça
mas na dúvida te vendemos
um manual com tudo explicado
e na próxima virada
os fogos de copacabana
te desejarão
feliz 1984

Leo Gonçalves, 1975, BH-SP.

A MORDIDA DO CORDEIRO

3

O pecado não nasce da luta
cativante entre Deus e o Diabo;
mas da longa criatividade
da firme e repetida disputa.

Não há fábula no cotidiano:
horas devoram minutos
numa carnificina eterna.

Leopoldo Comitti, 1956, Rio Negro-PR.

PÓS

depois do amor
o corpo dela dorme:
edredom de penugens
em lãs de gozos
(chumaços de prazer na beira da cama)

depois do amor
a preguiça agasalha
o pássaro entre as coxas
e se apossa da liberdade:
anagrama em voo bárbaro para o seu ventre

antes do amor, soa a frase:
sexo é para ser feito todos os dias
(mas era noite, e mesmo assim foi feito).

Linaldo Guedes, 1968, Cajazeiras-PB.

afogados

omar me quer
a sua língua
lânguida quente
lambe-me os pés

omar me pede
não se contenta
toca-me as pernas
alcança o ventre

omar se atreve
roça-me o peito
suga-me a boca
o pensamento

amar oh mar
ô morte
l e n t a

*

Líria Porto, 1945, Araguari-MG.

SONETO IMPERFEITO 001

Essa parede
com neblina na voz
é sua morte
cantando
um louvor ao silêncio
que separa
as labaredas
do fogo
materializado na idéia
do invisível
unida ao devir
avançando
a lembrança
do que vivi
concede
duvidosa autonomia
a chama que se apaga
ainda assim
sua presença
sem o calor
pode ser em sonhos
por outros
visitada.

Marcelo Ariel, 1968, Cubatão-SP.

ENFRENTAMENTO

Abro a frase devagar
como se abrisse um lenço
que guardasse um segredo mofado

Leio como se afastasse
cada sílaba, na tentativa inútil
de romper todo o sentido

Depois de ler essa verdade
que tentou se inscrever
num insight de coragem

Acovardo-me
Fecho o lenço...
E enxugo os meus olhos.

Márcia Maranhão De Conti, 1957, Goiânia-GO.

RASOS D'ÁGUA

onde flui flutua
esse rio,
se rio (?)

ou vaga
perspectiva
e tudo traga (?)

por um fio a vida
em mim
ala(r)ga

e leva tudo:
na vazante
é que me devasta

Mário Ramos, 1971, Santos-SP.

silêncio de sins
e não e vice-versas

silêncio de sibila
que o olvido atravessa

silêncio conservado
em atas de conversa

Paulo de Toledo, 1970, Santos-SP.

q u e r o e s c r e v e r
s o b r e o q u e q u e r
o e s c r e v e r e s s e
q u e r e r e s c r e v e
r s o b r e o e s c r e v
e r q u e r o e s c r e v
o e t e n h o e s c r i t
o s o b r e o q u e q u e
r o e s o b r e o q u e e
s c r e v o : s o b r e o
e s c r e **v e r s o** b r e

Paulo Kaim, 1962, Águas Claras-DF.

O ELEFANTE

o tratador com a cabeça

a b e r t a

não pode explicar

a possível dinâmica da FUGA

nada sai de sua boca

senão

/m i a s m a/

moscas & frag

men

tos

dos dentes

/marfimanchados/

(sangue sobre o chão pisoteado

[a arena no triunfo do touro

ou do toureiro])

um milico emerge na cena

pequeno & inútil

o .38 na mão:

o primeiro disparo

põe fim a ladainha dos cães

e ascende das crianças o berreiro

Rafael Nollí, 1980, Araxá-MG.

O MONGE E O MOSTEIRO

“O poeta é o ladrão do fogo” Rimbaud

O que o mosteiro diz ao Monge?
-Silêncio quase prece
E o pobre monge carece
Pois em busca de saber veio de muito longe
O que o Monge diz ao mosteiro?
(Ali, peregrino hospitaleiro
O buscador humilde, estrangeiro
É de sua caminhada prisioneiro)
Afinal Monge e Mosteiro se confinam
Num mesmo chão genuflexório
(Quem é quem no divinal ofertório
Se as contudências se afirmam?)
O Monge busca um sinal – a perfeição
O mosteiro é muro e confinamento
Quem é quem entre o sub e o sobre lá dentro
Se tudo é silencitude e oração?
O que o mosteiro diz a esmo
Sem o Monge a peregrinar?
Tudo é luz, tudo é fé, tudo é assim mesmo
O vazio se sustém naquilo que veio buscar
O que o Monge diz ao Mosteiro
Quando o encontra impoluto?
-Tudo é eterno – nada é passageiro
O fiel se espiritualiza no absoluto
Monge e Mosteiro se completam assim
Um e outro se orquestram tanto...
O monge é filosofia do princípio ao fim
O mosteiro é o inferno que consagra o santo

Silas Correa Leite, Estância Boêmia de Santa Itararé das Letras-SP.

POEMA ATRAVESSADO PELO MANIFESTO SAMPLER

para Fred Coelho e Mauro Gaspar

I

invadir o corpo do mundo
aceitar
o
caos
atuar no esvaziamento das certezas
não copie e cole
se aproprie e recrie a realidade
use seu imaginário
carta de alforria para um primeiro
ato

nem todo início é um prólogo

II

acredite
você não é original
certo
apenas a pureza de um
mito

a pressão não
é
simples
pratique
sequestro saque captura
de palavras

não comunique aos pais
toda palavra é
órfã

não
existem palavras
finais
toda palavra
é
começo

pirata capitão buqueiro
promessa de geração
00
remix de ideias
souvenirs
alô wally

ah se você ainda estivesse por aqui
não escrever sobre
não descrever ou reproduzir
o mestre
produzir escrever produzir
eu
estou menino
em suas palavras
não chame meu nome em vão
salte a pedra
no caminho

III

seja atravessado pelos poetas que lê
aniquile as referências
um coletivo de enumerações
faça
literatura sem agradecer a raduan
ou adalgisa
faça
você seu retrato
enquanto jovem
encontre suas ideias
a partir de
apesar de
(lembra dela?)
apesar
de

invasor
ao combate
quais os limites
do texto?
autores originais
não mais
viva de uma forma política
crie assim
invada a cidade
invente
coloque tudo para dentro
para depois respirar
sentir e notar
você
eu estou colocando
pra dentro
o chocolate
de tanto olhar
ler

IV

propriedade coletiva
eu sou vocês

sou eu nos
reconhecemos nas palavras
lidas e não ditas e não lidas
também
percebe
posse-criação

só
os mentirosos
são dignos
do amor

deus
em latim é fingidor
da via
criação
escreva tudo
com essa mão nervosa
escreva escreva
as vozes que habitam
em ti

no papel
selvagem caótico
esse texto não é
seu nem meu
esse texto pertence
apenas

ataque
perigo ritmo
sem receio da autocrítica
se aproprie dos rótulos
para destruí-los
plagiador sabotador
coroe sua intimidade
perturbe
seus pares
não os deixem

presos

no século passado
o aprendizado
as vanguardas e a tradição
modos de usar
sua língua

esqueça os ismos
a divisão didática
atravesse
seja tático

V

cale
a boca de quem
não se posiciona
no espaço
torne seu o que é
do outro
provoque todas
as encenações institucionais
modo de fazer
aprender fazendo
seu trabalho
diário

manipule a história
alheia escreva a nossa
invente
seja autor inventor
o leitor
deve reconhecer seus passos
caminho percorrido
está
tudo no passado
o futuro se tropeça
com ele

a poesia se esfrega nas coisas
percebe?
ao acordar veja as coisas
como
as coisas todas
espalhadas livros jornais
mesquinhez de sua relação
amorosa

você pode abrir sulcos na escrita
fluxos
corpo é texto
é corpo

emancipe sua escrita
deixem falar mal
amanhã
estão todos lambendo seu rabo
discuta apenas sua
existência
na palavra
leia
escreva
como quem atravessa
o leitor

subverta

transforme o meio com a palavra
transtextual
células trans
transexual
exu contemporâneo se aloja no outro
passado tomando o presente
de cavalo

VI

ultrapasse
a si mesmo
não trapaceie é fatal

amadureça
a experiência
seja através
dos outros

a verdadeira história da literatura
uma história de ladrões

experiência
número infinito
o homem forte vive
só
lembre dos outros

entenda
as relações de força
você ouviu de um artista de plástico
vale tudo só não vale
qualquer
coisa

as coisas negras são
tão bonitas
menos o cavalo

beba
ice tea light
com limão e gelo
lipton com muita cafeína
no cafeína
não imite
escreva a partir
de

dobre a linha da folha
dobre-se
você sabe que o papel

só pode ser dobrado
sete vezes
hum
modo de
de experimentar
os espaços
nascemos com os mortos
sempre

o fim é o meio
novo desvio
novidade sem novidade
caminho literário cercado de música
ouça
não é preciso citar
não é

faça
teses para corrompê-las
o texto tem sentidos
não
sentido
fazer ao ler
a linguagem não indica sentido
mas possibilidades
as palavras
penetram em você
ou não

use todos os guardanapos
do café
com leite e biscoito de maisena
(compensando os 10% de mal atendimento)
ganhar força com as ideias

pense no tempo
em nosso tempo
tempo
tempo
tempo
tempo

silêncios
incorporados na escrita
esquecimento como aprendizado da escritura
invasão pela leitura

esse poema não tem
fim
é o meio

VIDA 1.0

ar condicionado,
vidros & travas elétricas,
direção hidráulica,
kit visibilidade,
limpador &
desembaçador
do vidro traseiro,
calha de chuva,
retrovisor elétrico,
farol auxiliar,
câmera ré.
(e a vida...
a vida sem
opcionais de fábrica)

Rodrigo Tomé, 1982, Jaguariaíva-PR.

A UM POEMA, SUA PEDRA

Um poema por ser pedra
é pedra de fonte
de umas umidades de fêmea
e poroso de uns queixumes.
Também é pedra de ponte,
partícipe da arquitetura
rigorosa, de par
com os aços e os gumes.
Por ser pedra de fonte o poema,
matéria de origem e memória,
habita o tempo derruído
por águas que minam de dentro
no todo absoluto e infinito.
Por ser pedra de ponte
sabe-se o poema a granito
onde nos pomos a salvo
dos santos, dos sentimentos
distráidos da geografia dos salto.
Nas fontes, a lua-pedra
dissolve-se em noitespuma e ronda
apagando a lembrança das pombas.
Nas pontes, o sol exhibe-se:
branca pedra de simetria
compondo a canícula do dia.

Rosane Ramos, 1955, Rio de Janeiro-RJ.

Mudas,
no papel,
as palavras
pronunciadas
voam
que nem
passarinhos.

Será que
elas criam
ninhos
nos teus
ouvidos?

Rubens Jardim, 1946, São Paulo-SP.

PERFIS NO SUSHI BAR

A estática expressão de lagarto
contra espelho importuno:

O chapliniano passo
sobre azulejos de demolição
desinfetados:

A fala gutural dos símios
sob a massa das plantas:

O olhar canino
diante do peixe náufrago:

O súbito gestual oblíquo
quando a noite se alonga e o outro
tem apatias de cerâmica:

A curvatura dúbia
na face branca do origami
pendurado na véspera do almoço
em antiga luminária com kanji.

Sérgio Bernardo, 1970, Rio de Janeiro, vive em Nova Friburgo-RJ.

ÁRVORE
A QUE ME ARVORO
VOA
E ME DEIXA MORRO
SÓ ASSIM FICO
NUMA BOA

GALHO
SE ME ATRAPALHO
SUMA
E ME DEIXA VOO
SÓ ASSIM EU ENTRO
NUMA

Sérgio Fantini, 1961, Belo Horizonte-MG.

PEDRA NADA DRUMONDIANA

No meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra
No meio do caminho
Pedra que João ninguém
Fumou como se fosse a última
No seu sonho insone
Sonhou com um caminho
Sem pedra nenhuma

Sirlene Maria Vieira, 1978, Porto Alegre.

ORALIDADES

entre lábios
inchados
a língua devora
o grito
oralidades
à luz
das grutas
estalactites
roçando
as curvas
na sua boca
todas
surtam

Susanna Busato, 1961, São Paulo-SP.

Paixão

lata de leite condensado

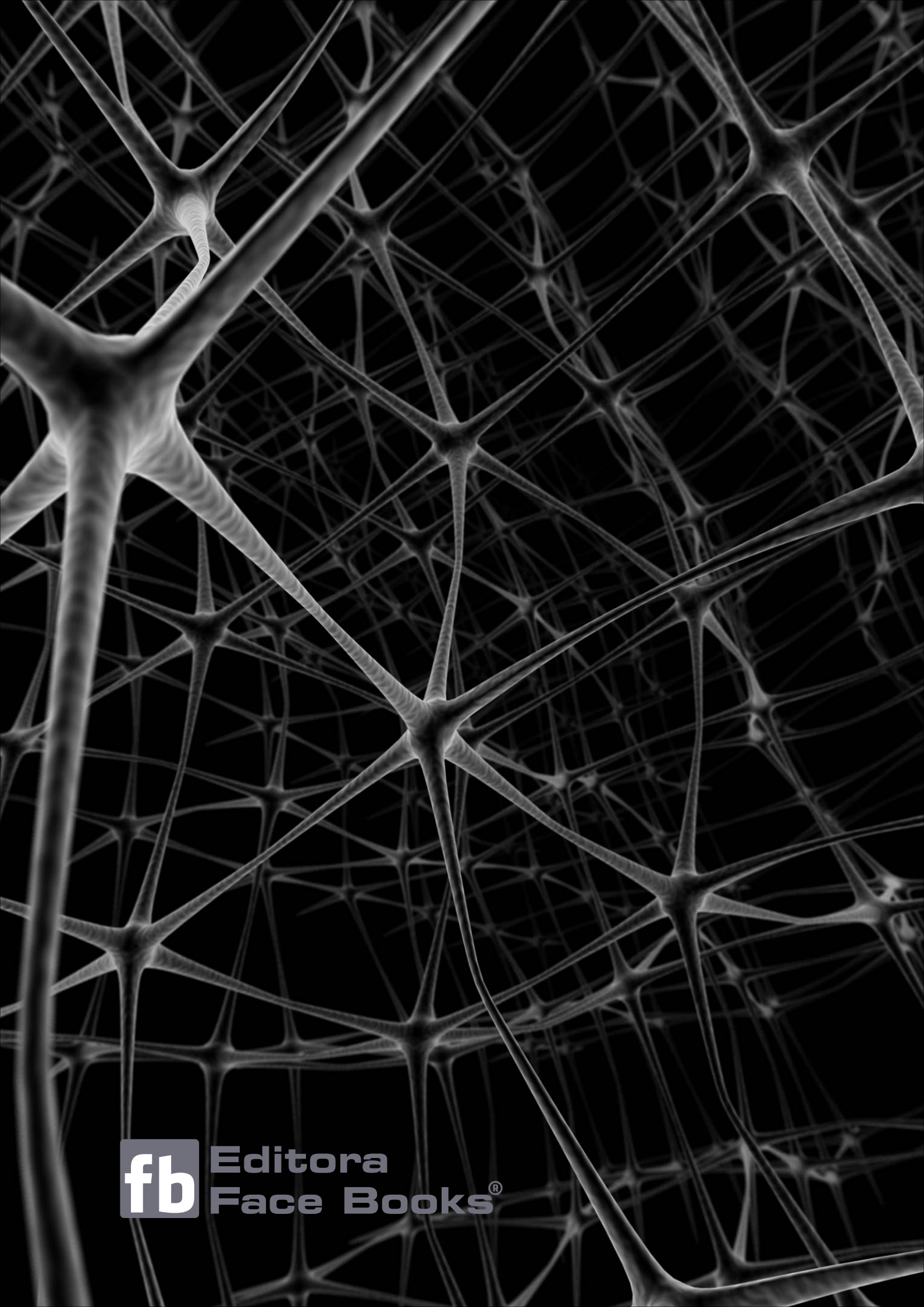
cozida em panela de pressão

Tetê Martins, 1969, São Paulo-SP.

PUÑALES

La vida reptaba hacia ningún lugar
Herrumbre de sueños
Los días transcurren obstinados
Capricho del tiempo
Hechizo de brújulas
Conspiración del Olimpo
Esta vida, mi vida?
Tiara de Cenizas
Para el Banquete de Ausencias
De los Hijos de Judas

ZaiDe Moz, Buenos Aires-Argentina.



Editora
Face Books®